
EDITORIAL

Neste número 4 da Revista *Educação, Sociedade & Culturas*, ao nível dos artigos, encontram-se dois temas dominantes: por um lado, o tema da política educativa e a sua análise (abordado nos artigos de F. Cabral Pinto, António Teodoro e Carlos Alberto Torres*), e, por outro, o tema da criança (abordado nos artigos de Raúl Iturra e Suzanne Mollo**).

O artigo de Fernando Cabral Pinto trata da política educativa através do seu enquadramento no projecto da modernidade. Procura, neste tempo de viragem do século, o sentido da educação, sobretudo – mas não só – da educação escolar. Revela-nos, através de uma análise da reforma curricular, que a educação escolar ameaça não só desvirtuar como pôr em causa as promessas do projecto da modernidade apesar de uma Lei de Bases do Sistema Educativo que abriu possíveis caminhos para o reforço desse mesmo projecto.

Os artigos de António Teodoro e Carlos Alberto Torres, ambos concordando com as preocupações de Cabral Pinto no que diz respeito a uma escola e um sistema educativo demasiadamente sujeitos aos ditames do mercado e das políticas neoliberais, procuram, sobretudo através dos professores, um dispositivo para recolocar o projecto da escola nos carris de um projecto de emancipação. Carlos Alberto Torres, Professor de Sociologia da Educação na Universidade de California (Los Angeles), e fundador do Instituto Paulo Freire em São Paulo, Brasil, afirma (e vale a pena reproduzir aqui a citação): «Acreditar na autonomia e no comprometimento dos professores, dar-lhes mais recur-

* Ver também a recensão do livro de António Teodoro.

** Ver também a secção Arquivo com referências ao trabalho das crianças durante a época industrial em Inglaterra.

tos intelectuais e, evidentemente, um ordenado mais adequado, parecem ser terapias consistentes para a doença da educação pública, sem dúvida melhor do que simplesmente aprovar, sem discussões, uma política económica de cortes no planeamento educativo». Por sua vez, António Teodoro aponta para a incapacidade, por parte do Estado, de mobilização dos professores para a reforma e, citando António Nóvoa, sublinha os efeitos nocivos da «lógica legislativa» estatal.

Os artigos de Raúl Iturra e Suzanne Mollo abordam o tema da criança, o primeiro numa perspectiva antropológica e o segundo numa perspectiva sociológica. De uma maneira muito original, Raúl Iturra continua, com este artigo, empenhado em mostrar (especialmente aos educadores e professores) como as crianças constroem uma epistemologia que os adultos tendem a ignorar. Suzanne Mollo, conhecida investigadora do CNRS de Paris, projecta o seu olhar crítico sobre as férias das crianças, assim proporcionando um passo mais no seu projecto de contribuir para o preenchimento da lacuna que existe nos estudos sociológicos sobre a criança.

A secção de artigos termina com o artigo de Ricardo Vieira que propõe, através de uma reconceptualização do conceito de cultura, «uma pedagogia intercultural como forma de diálogo e troca de experiências entre o local e o global, a caminho de uma visão pós-moderna da sociedade».

A secção «Diálogos sobre o Vivido» inscreve-se no debate, intitulado «O que se aprende na escola: culturas e conteúdos de saberes», realizado quando do lançamento público do segundo número da Revista. Convidámos duas colegas, Rosa Lima (da Escola Superior da Educação do Porto) e Maria José Magalhães (do CEFOPE da Universidade do Minho) para comentar a transcrição abreviada do debate. Além das perspectivas que conseguimos recolher dos discursos dos diferentes intervenientes no debate (incluindo, como participantes convidados, Manuela Tavares – professora do ensino secundário, José Alberto Correia e Rui Canário – ambos autores de artigos do 2º número da revista – e Raúl Iturra – como representante do conselho de redacção), é de destacar, no que diz respeito aos comentários proporcionados, a análise subtil e discreta de Rosa Lima sobre os saberes (linear e abusivamente cognitivos) da escola, e a leitura feminista e análise frontal de Maria José Magalhães sobre a «ordem masculina» das escolas e a sua contribuição à exclusão das mulheres da cidadania.

A secção de Arquivo é constituída por excertos de dois dos quatro ensaios que constituem Uma Nova Concepção de Sociedade do industrial britânico, Robert Owen (1771-1858). Na sua luta contra as condições em que trabalhavam as crianças, e no sentido de transformar a própria sociedade, Owen defendia que «homens bons» dependiam de ambientes saudáveis. Assim, o carácter humano é construído através do meio ambiente; a educação, numa época em que o darwinismo social é hegemónico, é concebida como capaz de pôr em causa todas as chamadas «determinações» (inatas e outras) desse mesmo carácter.

Finalmente, o nº 4 da revista termina com duas resenhas de dois livros recentemente publicados em Portugal, ambos fazem parte de novas áreas de análise no domínio das Ciências da Educação em Portugal, isto é, as áreas da análise sociológica das políticas de educação e de estudos sobre o género.

Steve Stoer